



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA LUIZA GOMES CERQUEIRA DA SILVA

**FONÉTICA E FONOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO:
POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

MARIA LUIZA GOMES CERQUEIRA DA SILVA

**FONÉTICA E FONOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO:
POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shirley Freitas

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S581f

Silva, Maria Luiza Gomes Cerqueira da.

Fonética e fonologia na alfabetização : possibilidades na construção da leitura e escrita / Maria Luiza Gomes Cerqueira da Silva. - 2021.

40 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shirley Freitas Sousa.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira de Andrade Lima.

1. Fonética. 2. Gramática comparada e geral - Fonologia. 3. Letramento. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 372.412

MARIA LUIZA GOMES CERQUEIRA DA SILVA

**FONÉTICA E FONOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO:
POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 12 de abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Shirley Freitas (Orientadora)

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira (Co-orientadora)

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos

Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Lídia Lima da Silva

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

A todos de quem nasci: Deus, meus pais e minha família, e aqueles que me deram seus corações para que eu nascesse novamente e continuasse crescendo.

AGRADECIMENTOS

Ao grande Deus que nos guarda. Amém, por tudo.

Ao meu pai, que um ano antes de ir para os braços de Deus, me disse na janela da sua casa:- eu queria aprender a ler, pois acho bonito. Eu o convidava muito para esse movimento de vida. Sinto não ter dado tempo. Vi que ler é vontade de ressignificar e entender o mundo. Leitura de mundo e consciência tão pensada por Paulo Freire. Tomada de consciência, do que você aprendeu ou que tem para aprender. Completo, assim, com o seu pensar: “O homem não é uma ilha é comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca”.

Ao meu irmão: A força de Deus é que nos conduz. Você sempre me chamou de guerreira e determinada. Você também foi. Obrigada.

Meu companheiro: às vezes sou teimosa, mas isso se chama força, lembrando aqui das frases de Caetano Veloso: “por isso uma força me leva a...” “quem sabe, não parar enquanto Deus permite.

À minha irmã, voltamos a estudar. Uma irmã é um pedaço de nós. Grata Mari.

Destaco duas presenças da educação, professoras; Virgínia Monteiro e Mabel Veloso. Sua arte de escrever me acompanhou.

À Williane Corôa pelas sugestões de livros para a minha coleção alfabetizadora e literária. Você é benção do céu! Em lutas encontramos irmãos.

Aos professores e Diretores das Escolas Elpídio Paranhos e Prado Valadares. Pelo desejo de transformarem a educação a partir da alfabetização, fazendo a diferença como vocês estão fazendo. Simone, Márcia, Celinha,

Aos professores da Unilab, desculpas se esqueço alguns nomes. Início com Paulo que, ao transmitir os conhecimentos, perguntava com jeito especial: Estão entendendo? Compreenderam? Professora Lídia; início da linguística que nos despertou para uma linguagem contínua. Josiane; tão bom ouvir você falar de Literatura, Vania Vasconcelos; quantos escritores conheci. Professor Timbane; sempre feliz; Denilson, também. Érika: que paz. Ricardo, bons ensinamentos. Eduardo sempre: De novo! entenderam? Como um despertar em nós. Sabrina parte de nós, Wânia Miranda uma viagem de saberes sobre a língua, professor Carlos Heric, o estágio é uma grande vivência. Obrigada. Professora Mirian pelo saber e simplicidade; Igor, quantos saberes. Professora Shirley, me fez retomar meus referenciais profissionais da alfabetização mostrando o quão a Fonética e Fonologia

são importantes para a leitura e a escrita. Obrigada, mais uma vez. Manuele mostrando a palavra com a maestria do ensinar. As duas na produção desse trabalho apontaram as trilhas por onde eu haveria de refazer meu caminho enquanto pesquisadora da educação. Aos meus colegas africanos e brasileiros: Renata Valverde, Cleide, Elaine e Cris. Obrigada!

À minha filha e minha mãe, anjos que Deus colocou no meu caminho, procurem a alegria nas mínimas coisas, pois elas estão presentes e isso vocês fazem com maestria. Meu pensar para vocês: Somos a essência de um mundo que torna tudo universo, sejamos parte, para sempre sermos universos.

“A língua é uma ponte que te permite atravessar
com segurança de um lugar para outro.”

Arnold Wesker

RESUMO

O presente estudo objetiva compreender o ensino da leitura e escrita através da contribuição da fonética e fonologia nas turmas de Alfabetização da Educação Básica. O problema consistiu em saber: até que ponto os professores da alfabetização trabalham a fonética e a fonologia na construção da leitura e da escrita? O objeto de pesquisa centrou-se na prática do professor alfabetizador em duas escolas municipais: Escola Elpídio Paranhos e Escola Prado Valadares em Santo Amaro-Bahia. Diante disso, o objetivo geral visou analisar a prática pedagógica do professor no ensino da leitura e da escrita. Este trabalho justifica-se por discutir a importância da alfabetização e a construção da leitura e da escrita, atreladas aos estudos desenvolvidos pela linguística e suas áreas e contribuições necessárias à alfabetização. A metodologia utilizada através da pesquisa qualitativa seguiu a dinâmica exploratória junto à técnica de observação em duas aulas de quatro professoras. O amparo teórico de sustentação à pesquisa referenciou-se nos estudos de Isabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão, Luiz Carlos Cagliari, Miriam Lemle, Maria Bernadete Abaurre, entre outros. Na análise das atividades didáticas aplicadas aos alunos pelos professores, durante as observações nas escolas, perceberam-se pontos esclarecedores que mostraram a presença teórica e prática da fonética e fonologia nessas turmas de alfabetização. Na conclusão, apontam-se as implicações, benefícios e relevância da fonética e fonologia para a alfabetização, uma vez que se aplicam os princípios básicos da fonética e fonologia contidos na construção da palavra que, por sua vez, dá sentido à leitura e escrita. Assim, os professores devem dar continuidade a esses estudos ampliando as possibilidades de novas práticas direcionadas para a descoberta de conteúdos de linguística na área de alfabetização.

Palavras-chave: Fonética. Gramática comparada e geral - Fonologia. Letramento.

ABSTRACT

This study aims to understand the teaching of reading and writing through the contribution of phonetics and phonology in Basic Education Literacy classes. The problem was to know: to what extent do teachers of literacy work phonetics and phonology in the construction of reading and writing? The research object focused on the practice of the literacy teacher in two municipal schools: Escola Elpídio Paranhos and Escola Prado Valadares in Santo Amaro-Bahia. The general objective aimed to analyze the pedagogical practice of the teacher in the teaching of reading and writing. This work is justified by discussing the importance of literacy and the construction of reading and writing, linked to the studies developed by linguistics and its areas and necessary contributions to literacy. The methodology used through the qualitative research followed the exploratory dynamics along with the technique of observation in two classes of four teachers. The theoretical support for research was referenced in the studies of Isabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão, Luiz Carlos Cagliari, Miriam Lemle, Maria Bernadete Abaurre, among others. In the analysis of the didactic activities applied to the students by the teachers, during the observations in schools, clarifying points were noticed that showed the theoretical and practical presence of phonetics and phonology in these literacy classes. In conclusion, the implications, benefits and relevance are pointed out. from phonetics and phonology to literacy, since the basic principles of phonetics and phonology contained in the construction of the word are applied, which, in turn, gives meaning to reading and writing. Thus, teachers must continue these studies by expanding the possibilities of new practices aimed at discovering linguistic content in the area of literacy.

Key words: Comparative and general grammar - Phonology. Literacy. Phonetics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FONÉTICA E FONOLOGIA NO ENSINO: IMPORTÂNCIA E FUNCIONALIDADE NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA	14
2.1	RELAÇÃO ENTRE LETRA E SOM	18
2.2	CONSTRUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO COMO UM PROCESSO	23
2.3	É POSSÍVEL INCLUIR A FONÉTICA E A FONOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO?	25
3	MODELO TEÓRICO NA ALFABETIZAÇÃO	29
3.1	METODOLOGIA	32
3.2	ANÁLISE DAS ATIVIDADES DIDÁTICAS APLICADAS AOS ALUNOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES	34
4	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Falar em alfabetização nos remete a muitos sentidos, como o histórico, pedagógico e político. Entre esses, o pedagógico reflete uma história em que, para ensinar a ler e escrever seria necessário um método de ensino. Esse procedimento foi constituído por intenções ideológicas de dominação e iniciou-se desde o processo de colonização no Brasil deixando resquícios até os dias atuais. Assim, vê-se que a história não acontece por acaso como cita Durkheim (2011, p. 49-50), “para definir a educação, é preciso levar em consideração os sistemas educativos que existem ou que já existiram, compará-los e identificar os aspectos em comum”.

Esse movimento constante do exercício da construção da leitura e da escrita é pertinente na trajetória de professores alfabetizadores e os mesmos buscam novas perspectivas de saberes e conhecimentos e entre essas perspectivas, a inserção da Linguística pode contribuir significativamente, quando o aluno possa ser capaz de pensar sua língua, tanto oral quanto escrita.

Com esse olhar é que este trabalho aprofunda e reflete sobre o ensino da leitura e escrita através da contribuição da Fonética e da Fonologia, ao mesmo tempo em que instiga saber: até que ponto os professores da alfabetização trabalham a fonética e a fonologia para a construção da leitura e da escrita? O objeto de análise para se pensar essa questão foi a prática do professor alfabetizador em duas escolas municipais: Escola Elpídio Paranhos e Prado Valadares em Santo Amaro, Bahia. Diante disso, o objetivo geral visou: analisar a prática pedagógica do professor alfabetizador em relação ao ensino da leitura e da escrita. A partir daí, os objetivos específicos traduziram-se em: perceber a prática pedagógica do trabalho do professor na alfabetização; identificar se os instrumentos didáticos relacionados à leitura e à escrita atrelam conteúdos da fonética e fonologia; e saber se os professores apresentam conhecimentos sobre fonética e fonologia.

A justificativa pautou-se na necessidade, enquanto professora, de discutir sobre a importância da alfabetização e a construção da leitura e da escrita atrelada à Linguística, em especial às áreas da Fonética e da Fonologia, ampliando as possibilidades de se pensar a leitura e a escrita além de métodos repetitivos, sendo necessário que as palavras possam ser lidas e escritas em sua construção para além de uma alfabetização memorizada.

A metodologia seguiu o caminho de pesquisa qualitativa envolvendo a técnica de observação das aulas de quatro professoras. A bibliografia referenciada amparou-se nos estudos de Isabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão, Luiz Carlos Cagliari, Miriam Lemle, Maria Bernadete Abaurre, entre outros que se ocupam do estudo da alfabetização e da Linguística.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: o capítulo (2) discute aspectos teóricos da Fonética e da Fonologia, como a relação entre letra e som e a possibilidade de inclusão de conceitos dessas áreas na alfabetização; O capítulo(3) discute o modelo teórico da alfabetização e a metodologia da pesquisa e, apresenta-se a análise de atividades didáticas aplicadas aos alunos durante as observações nas escolas; na conclusão apontam-se as implicações, possíveis benefícios e relevância do tema para a educação, analisando os resultados da possibilidade da inclusão da Fonética e Fonologia na construção da leitura e da escrita nas turmas de alfabetização.

2 FONÉTICA E FONOLOGIA NO ENSINO: IMPORTÂNCIA E FUNCIONALIDADE NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

A Fonética e a Fonologia são ramos da Linguística e cada uma dessas áreas tem a sua função e importância. A Fonética é o estudo dos aspectos acústicos e fisiológicos dos sons dos atos de fala no que se refere à produção, articulação e variedades. Em outras palavras, a Fonética preocupa-se com os sons da fala no contexto real; trata dos fones que são as menores partes sonoras contidas em uma sílaba através da fala. Fone se diferencia de fonema, pois o fone relaciona-se aos sons produzidos na fala, podendo variar. Enquanto o Fonema está relacionado à imagem mental que se tem das unidades sonoras. Se tratando da escrita podemos falar em fonemas, já que eles também representam a escrita.

Já a Fonologia vai interpretar os sons relacionados à Fonética, identificando as diferenças sonoras que implicam diferenças de significado, sendo também importante para a aquisição da aquisição da escrita e da leitura. Esses aspectos citados relacionados no âmbito da língua falada são importantes para o aluno na construção da linguagem, uma vez que os sons e os fones vão sendo compreendidos durante a aquisição dos conhecimentos em torno da leitura. E, no contexto da língua escrita, o aluno pode estabelecer relações e diferenças quando escreve e relaciona o que ele lê e fala, ocorrendo a aquisição do conhecimento

Para Henriques (2015, p. 6), “A FONÉTICA estuda os sons da fala; a FONOLOGIA estuda os sons da língua”. Nesse caminho discursivo muitos apresentam pontos comuns, fundamentando os conceitos, exemplos, contribuindo com esses estudos.

Para Cagliari:

A fonologia se ocupa dos aspectos interpretativos dos sons, ou seja, da estrutura funcional na língua. Estuda os elementos fônicos que distinguem, em uma mesma língua, duas mensagens de sentido diferente. A fonética constata pronúncias diferentes, por exemplo, em [‘ti.a] e [‘tʃi.a]. A fonologia interpreta a diferença atribuindo valor único aos sons, por exemplo, o /t/ que pronunciamos na palavra TUDO, e o /tʃ/, que pronunciamos na palavra TIA (CAGLIARI, 2008, p.4).

Neste capítulo, serão elucidados outros aspectos pertinentes sobre a Fonética e a Fonologia no ensino, destacando a funcionalidade e a importância dessas áreas no contexto da aprendizagem da leitura e da escrita no ensino, especificamente, na

alfabetização, buscando suporte para a compreensão em estudiosos que ampliam esses conhecimentos sobre essas áreas.

Em relação à aplicação dessas áreas no ensino, Veloso e Rodrigues (1998) mostram a importância da Fonética e da Fonologia no ensino básico e secundário. Os mesmos ressaltam as habilidades de aprendizagens/conhecimentos para o 3º Ciclo do ensino básico e para o ensino secundário como o ensino de homofonia e aliteração destacando que essas noções permitem que os alunos: forma a não se deixarem confundir, p.ex., pelas diferenças, meramente gráficas, entre “*sela*” e “*cela*” ou “*era*” e “*hera*”, p.ex., ou, em sentido

(i) destrincem com facilidade os aspectos fônicos dos aspectos gráficos (por contrário, fazendo com que não considerem que os termos de um par léxico como: “*erro*” (subs.)/ “*ferro*” rimam entre si, levados pela identidade gráfica que, na escrita, se verifica a nível das respectivas terminações);(ii) tenham uma sensibilidade auditiva minimamente apurada que os coloque precisamente ao alcance da destriça preconizada em (i). (VELOSO & RODRIGUES, 2008, p.233, grifos dos autores).

Entende-se então, que as considerações em torno do ensino da Fonética e da Fonologia na Educação Básica e Ensino Secundário enquanto conhecimentos são importantes, sendo necessário que os alunos percebam sobre aquilo que se aprende, distinguindo os aspectos fônicos dos gráficos e que ao aprenderem estejam atentos à construção da escrita e da leitura.

A partir das inferências dos autores, o termo *Ensino Secundário* destacado por eles, hoje é ressaltado como Ensino Médio integrante da Educação Básica de acordo a LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira /9394/96.

Considerando conteúdos trabalhados na alfabetização voltados para a construção da escrita e da leitura como as vogais, dígrafos, consoantes, percebe-se que a relação desses com a Fonética e a Fonologia é importante e faz sentido no exercício de se alfabetizar. É necessário que os professores saibam da importância da Linguística e que sejam capacitados/despertados/competentes para efetivar/ aplicar esse fazer no ato de alfabetizar, uma vez que a alfabetização como um processo de construção de saberes requer que se trabalhe com essas variáveis.

Falando da importância da Linguística e do processo de construção desses saberes no momento de aprendizagem, estudiosos em um trabalho de artigo destacam:

Uma educação linguística, como a que está sendo proposta neste artigo, implica que a formação do professor de língua contemple um tipo de abordagem em que o conceito e as questões de gramática sejam discutidos a partir do pressuposto de que o estudante carrega consigo um conhecimento internalizado sobre a língua em funcionamento. Um dos papéis do professor é justamente o de tornar explícito esse conhecimento linguístico internalizado, instrumentalizando o estudante a fazer uso consciente das estruturas e dos recursos gramaticais que possui. (Pilati, Naves, Vicente e Sales, 2011, p.400).

Esse olhar que contempla a importância da linguística mostra ao leitor que a escola deve perceber esse “conhecimento internalizado sobre a língua” do aluno. Ao estabelecermos uma relação com a aprendizagem da leitura e da escrita na alfabetização vemos que o aluno quando fala mostra através da sua língua muitos elementos que devem e podem ser analisados à luz da Fonética e da Fonologia. Esse olhar deve ser contínuo pelo professor, para que se perceba a presença da Linguística na escola, bem como a importância da aprendizagem da Língua Portuguesa, desde os anos iniciais da Educação Básica, considerando a área de Linguística como um elemento que deve fazer parte do currículo da escola.

Tratando-se da possibilidade de como aliar a Fonética e a Fonologia à alfabetização, alguns exemplos podem ser aqui destacados. As palavras como “pato”, “bola” e “tatu” são, frequentemente, trabalhadas nos livros de leitura. E um dos caminhos do professor para aliar a alfabetização à Fonética é discriminar a maneira como se fala e se escreve essas e outras palavras, atentar para as letras, sons das mesmas, letras iniciais, maneira como se pronunciam as letras iniciais, as letras finais (articulando/trabalhando o aparelho fonador, tocando com cuidado na região da garganta para ver se as cordas vocais vibram ou não quando pronunciamos as vogais e consoantes), trabalhar a ortografia, ver a forma de escrever letras e palavras, utilizar gêneros, como poemas, parlendas, e outras atividades didáticas significativas para o ensino considerando conhecimentos construídos pela Fonética e pela Fonologia.

Tomemos como exemplo algumas compreensões: Na palavra “Asa” a letra “s” é relacionada ao som do “z”. Provavelmente, o professor no método tradicional poderá ensinar a leitura utilizando o método sintético que resulta na seguinte possibilidade: a-si-a-za- (aza). E nessa soletração, o aluno tem que escrever “ASA”, e, se escreve AZA, está errado. Mas, percebe-se que a escrita e a leitura são diferenciadas e que reconhecer e explicar a presença dessas diferenças se distancia do ato de ler no ensino tradicional, pois nesse se separam as sílabas nas palavras mecanicamente. O método sintético considera as palavras partindo das sílabas para as palavras,

havendo uma prática de soletração. Enquanto no método analítico considera-se a palavra, bipartindo-a em sílabas para a realização da leitura.

Diante disso, é real que os alfabetizadores repensem sobre a alfabetização, já que ampliando seus conhecimentos para novas práticas em prol dos alunos, terão a oportunidade de ensinar e aprenderem algo novo, como se observa nas palavras de Seara (2001):

Alfabetização: É indispensável para os professores que atuam na alfabetização, quer de adultos, quer de crianças o conhecimento de Fonética e noções sobre o funcionamento da Fonologia de sua língua, para que esses professores melhor atendam às necessidades de seus alunos. Existem técnicas fonológicas que, empregadas em atividades com os alunos, podem fazê-los se debruçar com interesse sobre os fatos da língua. Além disso, é fundamental saber lidar com a variação fonético, fonológica - que sempre vai existir - e levar o aluno a compreender essas variações, para relacioná-las aos elementos gráficos. Especialmente em relação às variações fonéticas que sofrem influências de natureza social (SEARA, 2001, p. 14-15).

Com essas informações, não se pretende uniformizar o ensino da alfabetização através somente da Fonética e Fonologia. Disso é possível se deduzir que o conhecimento sobre a alfabetização não é estático, outros conhecimentos estão aí para serem avaliados e testados, como no caso os da Linguística, que sejam necessários e adequados como conteúdos. Os olhares dos profissionais que acreditam em uma alfabetização em que os professores saibam lidar com a variação fonético-fonológica podem despertar a vontade de aprender a língua como Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) acreditam.

Dessa forma, tornou-se necessário apontar como a alfabetização vem sendo trabalhada com os alunos. Assim vê-se que as discussões sobre a alfabetização são contínuas, principalmente, por aqueles que estão nas salas de aula. Para Piccoli e Camini (2012, p.47), [...] “Ninguém gosta de ouvir uma mesma melodia com frequência, e não podemos esquecer de que a docência requer uma sedução colocada em prática pela professora para que o objeto de ensino se torne atraente às crianças”.

É comum vermos professores alfabetizadores discutindo sobre a leitura e a escrita dos seus alunos. Elogiam os alunos que leem rapidamente e correto e, para aqueles que não leem, aplicam a estratégia de atividades repetitivas, ou a reprovação, para que os alunos realimentem no ano seguinte os conteúdos estudados demonstrando aprendizagem.

Por outro lado, observa-se, também, que outras discussões enfatizam métodos, metodologias, avaliação do aluno, novas teorias na alfabetização, porém essas discussões se dão no âmbito das formações continuadas, salas de graduação, pós-graduação, não significando dizer que todos os professores acompanham essas discussões, e quando acompanham, aplicam os conhecimentos aprendidos.

Ainda temos muito para discutir sobre o processo de alfabetização nos aspectos políticos, sociais e pedagógicos. Nos aspectos pedagógicos no centro de discussão, está a pergunta: Por que tantos alunos não conseguem ler e escrever na alfabetização? Sobre os aspectos políticos e sociais, políticas públicas serão vistas como responsáveis, como interferentes na aprendizagem do aluno. Mas é preciso verificar que, em cada um dos aspectos citados, existe uma função específica nessa construção, e o professor é o mediador responsável pela efetivação do ensino.

Retomando a importância da Fonética e Fonologia na sala de alfabetização como um caminho, estamos construindo uma aprendizagem diferenciada dos modelos tradicionais. Nessa aprendizagem, não existe a metodologia da repetição de uma sequência de sílabas, de um conhecimento memorizado, mas o conhecimento das estruturas que compõem as palavras, estabelecendo as diferenças entre as letras e sílabas.

2.1 RELAÇÃO ENTRE LETRA E SOM

O momento da alfabetização é marcado por expectativas, tanto por parte de quem ensina, quanto por parte de quem aprende. Ensinar a ler e escrever requer resultados do aluno, como a compreensão do que ele leu e escreveu. Para que haja compreensão do que se lê, exige-se um caminho que pode não ser tão fácil para o aluno, pois ele tem que possuir as habilidades referentes ao domínio da leitura e da própria escrita. Para Martins e Spechela (2012, p.5) “alfabetizada é aquela pessoa que domina habilidades básicas para fazer uso da leitura e escrita.” Mas será que na alfabetização é dada a oportunidade para que o aluno perceba sua própria fala na escrita e na leitura? Perceba os sons das letras e as diferenças entre elas? Essa discussão já possibilita entender que a inserção da Fonética e Fonologia nas turmas de alfabetização é possível e necessária. A título de exemplo, é comum que o aluno apresente dificuldade em escrever palavras que possuem as sílabas BL trocando por BR, mas o aluno não consegue explicar porque ele escreve assim.

Ao se falar que o ato de ensinar a ler e escrever é um processo que faz parte da alfabetização, a escrita não pode ser construída na decodificação das palavras, através de cópias e leituras memorizadas, isso não é um processo; processo compreende movimento, produção, e nessa produção deve ocorrer a aquisição de aprendizagens. A repetição da escrita da palavra pode até ser exercitada, desde quando objetivo o que se quer aprender com esse ato. Esse aprender envolve o traçado das letras, organização motor/espaco, (re) conhecimento e estudo de palavras e a intervenção do professor, deve ter um olhar avaliativo do que ele propõe.

Sobre esse assunto em torno da escrita, Zorzi (1998, p.23) explica: “a escrita, ainda, apresenta uma série de propriedades linguísticas, espaciais e temporais, que caracterizam sua natureza alfabética”. Esse saber torna-se importante para o alfabetizador que, ao conhecer essa complexidade da construção da escrita, poderá trabalhar, com mais competência, esse componente da alfabetização.

A relação entre “letra e som” faz repensar a prática do professor ao ensinar a ler e escrever. De acordo com Lemle (2005, p. 17), “o modelo ideal do sistema alfabético é o de que cada letra corresponda a um som e cada som a uma letra, mas essa relação ideal só se realiza em poucos casos”. Entendendo a autora, a letra <s> pode ter sons diferentes: [s] na palavra *sapato*, [z] na palavra *casa*; assim como tanto *xícara* quanto *chave* possuem o mesmo som inicial apesar de serem grafadas com letras diferentes.

O quadro extraído de Seara, Nunes e Lazarotto-Volcão (2015, p. 29, 30-31) mostra as correspondências entre sons e letras das consoantes do português, mostrando que essa correspondência nem sempre é perfeita:

Quadro 1: Correspondências entre letras e sons referentes às vogais do PB.

Letras	Exemplos	Sons
a, á, â	ata – pássaro – â	[a]
â	seita	[ɐ]
âtono em final de palavra		
am, an, ã, â	amplo – canta – irmã	[ɐ]
e, ê	lemos – êxito	[e]
e	pele	[ɪ]
âtono em final de palavra		
e, é	pede – sério	[e]
em, em	exemplo – entre	[ɛ]
í, í	jda – sítio	[i]
i	sai	[j]
âtono junto a outra vogal		
im, in	impor – cinto	[i]
o, ô	cantor – cômodo	[o]
o	patô	[ʊ]
âtono em final de palavra		
o, ô	pode – ódio	[o]
om, on, ô	tombo – onde – põe	[õ]
u, ú	uva – úvula	[u]
u	mau	[w]
âtono junto a outra vogal		
um, un	umbigo – juntar	[ũ]

Quadro 2: Correspondências entre letras e sons referentes às consoantes do RN.

Letras	Exemplo	Sons
p	pato	[p]
b	bato	[b]
t	todo	[t]
t	tia	[tʃ]
seguido de i	(depende do dialeto)	[t]
d	data	[d]
d	dia	[dʒ]
seguido de i	(depende do dialeto)	[d]
f	faca	[f]
v	yaca	[v]
c	çota	[k]
seguido de a, o, u		
c	cinema	[s]
seguido de e, i		
qu	quilo	[k]
(com 'u' não pronunciado)		
qu	quase	[kw]
(com 'u' pronunciado)		
k	Kátia	[k]
ch	chato	[ʃ]
nh	ganho	[n]
lh	talho	[ʎ]
m	moda	[m]
em início de sílaba		
n	nada	[n]
em início de sílaba		
rr	corrida	[x]
(depende do dialeto)		[r]
		[h]
r	roda	[x]
em início de palavra	(depende do dialeto)	[r]
		[h]
r	aro ou prato	[r]
entre vogais ou em encontros consonantais 'pr', 'vr' etc.		

r	por - parte - corda (depende do contexto e do dialeto)	[r] [ɾ] [x] [y] [h] [β] [ʎ] [r]
s	ssco	[s]
em início de palavra		
s	caça	[z]
entre vogais		
s	cós - mesmo - gosla (depende do contexto e do dialeto)	[s] [z]
em final de sílaba		[ʃ] [ʒ]
ç	caça	[s]
ss	disse	[s]
entre vogais		
xe	exceção	[s]
xs	exsudar	[s]
sc	nascer	[s]
sc	nasço	[s]
x	enxada	[ʃ]
x	explicar (depende do dialeto)	[s] [ʃ]
x	exame	[z]
x	táxi	[ks] [kʃs]
z	zebra	[z]
início de sílaba		
z	veloz - vez (depende do dialeto)	[s] [z]
em final de sílaba		[ʃ] [ʒ]
g	gata - gota - gula	[θ]
seguido de a, o, u		
g	geral - girafa	[ʒ]
seguido de e, i		
gu	aguenta - linguística - água	[θw]
(com 'u' pronunciado)		
gu	água	[θ]
(com 'u' não pronunciado)		
j	jaca	[ʒ]
l	lata	[l]
início de sílaba		
l	mal (depende do dialeto)	[ʃ] [w]
em final de sílaba		

Retomando esses conteúdos, Zorzi (1998, p.34) afirma que “a esses tipos de correspondências, nas quais um mesmo som pode ser escrito por várias letras ou uma mesma letra pode representar diferentes sons, foi atribuído o nome correspondências múltiplas”. O pensar crítico sobre isso retoma que essa compreensão sobre a escrita e leitura relacionando os sons das letras nem sempre é trabalhada na perspectiva da Fonética e da Fonologia nessas salas, haja vista os livros já virem com respostas prontas e basta o aluno seguir os objetivos das questões e do que o professor vai propor nas atividades.

Ampliando esses conhecimentos em torno da Fonética e da Fonologia e da possibilidade de se efetivar esse fazer na alfabetização, outros conteúdos relacionados ao som e letras podem ser ressaltados para os alunos como: as diferenças entre vogais e consoantes, o aparelho fonador, as distinções entre modos e pontos de articulação das consoantes. Esses conhecimentos ampliam-se a partir da apreensão dos mesmos pelos alunos que antes desconhecidos passam a fazer parte dessas novas aprendizagens.

O aluno ao ser alfabetizado nada sabe sobre os conceitos científicos da Fonética e Fonologia, porém, muitos conhecimentos dessas áreas estão presentes na

construção da leitura e da escrita e devem ser trabalhados através de uma metodologia que envolva uma prática criativa e significativa. Criativa, porque o professor deverá buscar meios de mediar e despertar o aluno para a aprendizagem. Significativa, porque o professor deve visar resultados de uma leitura e escrita que favoreçam o aluno no seu crescimento cognitivo, social e intelectual para que esses conhecimentos tenham sentido para a sua vida/vivência mais tarde.

Aproveitando o conceito sentido para o crescimento do aluno, em uma leitura como exposto abaixo, o professor deve aproveitar esse sentido nas falhas da escrita e leitura (com relação à norma culta) buscando estratégias metodológicas de ensino.

Como corrigir os alunos quando eles falam “*tamém*”, em vez de “*também*”, “*gostano*”, em vez de “*gostando*”, “*florinha*” em vez de “*florzinha*”, quando tudo isto é resultado não de erro, mas de adaptação fonética, de facilidade de articulação, de linguagem familiar ou relaxada? Isto não é erro e o professor deve estar consciente disto e deve achar as melhores estratégias para “corrigir”, no bom sentido, a fala do aluno, sem humilhá-lo, sem ridicularizá-lo, mas mostrando que na escola ele está aprendendo “uma nova língua”, que é a aceita pela comunidade, que é a que lhe dará *status* social e o ajudará a ascender profissional e socialmente (ARAGÃO, 2008, p. 20; grifos do autor).

Nesse atrelamento da Fonética e da Fonologia à alfabetização, quando Aragão (2008) sugere que o professor “deve achar as melhores estratégias para corrigir”, contribuindo com o pensar do autor, uma das estratégias é trabalhar a sonorização, perdas e ganhos de sons nas palavras (como os processos de síncope¹, apócope²).

Não existe possibilidade de trabalhar todas as falhas de aprendizagem em uma só aula, bem como não são todos os conteúdos da Fonética e da Fonologia que serão trabalhados ao longo do ano, pois a proposta não é ensinar Fonética e Fonologia na alfabetização, mas os conteúdos dessas áreas que são importantes para a leitura e escrita e aqueles necessários/relacionados à alfabetização, e que, porventura o(s) aluno(s) apresente(m) como dificuldade. O importante, mais uma vez, é que o aluno perceba diferenças entre uma modalidade da língua e outra (fala e escrita), que ele não fala e lê errado. Através dos caminhos, regras, ele vai aprendendo, compreendendo, adaptando, sem se sentir incapaz.

Discute-se sobre o método fônico através de ponderações a seguir:

¹ De acordo com Araújo, a síncope é desaparecimento de fonema no interior do vocábulo. Alguns exemplos de síncope são: *legalem>leale>leal* *pêssego>pesco*; *Debra>Débora*;

² Segundo Araújo, a apócope é o desaparecimento de fonema no final do vocábulo. Alguns exemplos de apócope são: *dare>dar* *mare>mar* *male>maltadinho>tadim*.

Existem várias técnicas para ensinar os alunos a decodificar palavras. As mais comuns e mais eficazes são as técnicas de análise (decompor palavras em fonemas) e síntese (juntar fonemas para formar palavras). O objetivo dos exercícios de síntese oral é ajudar o aluno a compreender que palavras são formadas por unidades menores de som (fonemas e sílabas). O grande desafio é identificar os fonemas – que são a menor unidade sonora das palavras. São os fonemas que estão na base do código alfabético. (ALFABETIZAÇÃO, 2017)

Nesse sentido percebe-se que ao apresentar as técnicas de ensino citadas acima, salienta-se a divisão das palavras em fonemas. Quando o autor salienta a importância de se trabalhar os fonemas, já precipita o olhar sobre a fonética e a fonologia.

Quando a criança demonstra conhecimento sobre a aprendizagem das letras e relaciona-as aos sons, é possível que o professor alfabetizador apenas destaque que ela aprendeu a ler com desenvoltura, podendo até não perceber que a criança já distingue os sons porque já os conhece. Magalhães (2013) detalha como competência o momento em que a criança distingue fonemas ou sons:

A consciência fonológica refere-se a uma capacidade metalinguística para identificar e manipular os fonemas ou sons que constituem a língua materna. Representa uma capacidade complexa em que a criança começa a identificar e a refletir que o discurso é constituído por um conjunto de frases, e que estas podem ser segmentadas em palavras, as palavras em sílabas e as sílabas em unidades mínimas, ou seja, os fonemas. (MAGALHÃES, 2013, p.02)

Essa consciência fonológica está representada pela capacidade metalinguística (pensar no que aprendeu, demonstrando conhecimentos dos sons, das letras). E esse sentido do que se aprende, revelado pela criança, deve ser percebido pelo alfabetizador, pois o que ela aprende deve ser visto como uma aprendizagem que deve ser avaliada, e isso deve acontecer sempre com a leitura e a escrita.

No desenvolvimento dessa discussão começa a se delinear o papel e função do professor diante do ato de alfabetizar que é compreender que, enquanto professor, é necessário contribuir com a construção da leitura e da escrita junto ao aluno, alinhando conhecimentos da Fonética e Fonologia como possibilidades.

As atividades referentes às práticas das áreas da Fonética e da Fonologia na alfabetização podem parecer atividades simples e até sem sentido para o professor alfabetizador que não agregou em sua formação acadêmica determinadas práticas e conhecimentos sobre essas áreas, mas pensando no aluno como indivíduo central no processo da educação, é importante que o professor repense a sua prática.

Para Cagliari (1995, p. 43), “a linguística pode melhorar uma série de situações educativas relacionadas à alfabetização, ajudando o professor a entender a realidade linguística da classe e a ensinar ao aluno como a fala, a escrita e a leitura funcionam e quais os usos que têm”. Salienda dizer que a Fonética e a Fonologia não são métodos de aprendizagem, mas ramos da Linguística que, como afirma Cagliari (1995, p.43), “[...] pode melhorar uma série de situações educativas relacionadas à alfabetização [...]” como também para Abaurre (1993, p. 10) O objeto de estudo da Fonologia, para ser compreendido, deve ser definido em relação a uma outra disciplina a ela associada, a fonética. Compreende-se a relação necessária entre esses dois ramos da linguística.

Aproximando as ideias de Cagliari quando fala da possibilidade de “melhorar” ocorrências na alfabetização às ideias de Bisol (2000), podemos perceber que estudar as letras está além de cumprir o conhecimento da letra para saber o alfabeto em sequência, ou sílabas para formar palavras, e só depois ler e escrever. Aprender as letras e as sílabas requer conhecê-las em suas estruturas linguísticas.

2.2 CONSTRUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO COMO UM PROCESSO

A Alfabetização é um processo de construção da leitura e da escrita, objetivando que o aluno leia e escreva com desenvoltura, compreenda e interprete o mundo em seus significados. A partir daí ele deve se tornar apto para migrar para o 1º Ano do Ensino Fundamental. Nesse momento, o currículo que lhe espera já é diferenciado em seu contexto de interpretação e amparado em um número maior de disciplinas, o que vai exigir dele maiores competências e habilidades de variados conhecimentos, mas que dependem da leitura e escrita. Nessa concepção de processo, o letramento como prática social amplia o exercício de ler e escrever.

Tratando de alguns aspectos que permeiam a alfabetização no Brasil, para assim estabelecermos comparações com a alfabetização hoje, vemos que essa modalidade surge como uma ferramenta ideológica que conduzia os objetivos dos que hierarquizavam o poder, e, por isso, nem todos poderiam ler, principalmente, porque o processo de catequização imposta por escolas dos senhores não tinha o interesse de fazer da alfabetização um momento de crescimento pessoal do aluno.

Trazendo essas discussões para um contexto mais atual, Ferreiro, discípula de Jean Piaget em 1980, cria a Psicogênese da Leitura para mostrar as etapas/níveis

pelos quais as crianças passam ao serem alfabetizadas: “[...] a partir dessas pesquisas, Emília Ferreiro observou que a criança passa por níveis estruturais até que se conquiste a complexidade do sistema alfabético. Os níveis são: o pré-silábico, o silábico, silábico-alfabético e o alfabético.” (FERREIRO, 2003).

Caracterizando um pouco desses níveis, no pré-silábico a criança não faz relação entre letras e sons, traça desenhos garatujados e quando ouve o nome de uma palavra como cadeira, ela pode desenhar ou tentar reproduzir letras de acordo o tamanho do objeto. No nível silábico começa a entender as letras e aos poucos vai atribuindo a relação e diferença de sílabas e sons. No silábico-alfabético já domina mais a relação do som e sílabas fazendo uma correspondência mais direta com o alfabeto, utilizando melhor a leitura e escrita, embora suprimindo algumas letras. Já no último nível, o alfabético, com mais segurança aparecem várias descobertas quanto à escrita e oralidade, pois a criança já percebe essas diferenças na escrita e leitura, como sons das sílabas separadamente nas palavras, e pode escrever as palavras juntas mesmo relacionando a letra ao som.

Esses níveis contribuem para que o professor identifique a evolução da escrita do aluno. Essa compreensão mostra que o que antes era considerado como falha do aluno passa a ser uma etapa caracterizada pelo conhecimento da leitura, da escrita, representada pelo que ele consegue entender, não pelo que ele copia. A título de exemplo: se o aluno escreve “bla” como se fosse “BOLA”, ainda que ele não perceba na escrita que depois do b vem a vogal “o”, ele ouve o som da letra “o” e pronuncia a palavra por inteiro. Esse nível para Ferreiro é o silábico-alfabético, pois o aluno escreve a letra inicial da palavra bola que é b e escreve a terminação “*bla*”, falando BOLA. Dessa forma, ela já relaciona o valor do som para cada sílaba.

A discussão dessa teoria trazida para fundamentar os estudos que giram em torno da alfabetização desperta também que essa teoria da Psicogênese da escrita em sua funcionalidade não impede que a Fonologia possa ser aplicada nas fases do silábico e silábico-alfabético.

Percebe-se que durante a alfabetização, há muito o que se conhecer, quando se fala em leitura e escrita. A aquisição de alguns conteúdos na área de Fonética e da Fonologia podem contribuir com esses novos conhecimentos no que se diz respeito à aquisição da aprendizagem do funcionamento da língua portuguesa que deve ir além da decodificação das letras. A escola deve estar atenta à formação linguística na

aquisição da escrita e leitura do aluno. Para Tfouni (1995, p.9) traduz o seu pensar sobre alfabetização, acreditando que:

alfabetização é um processo que tem um fim, marcado por objetivos, que por sinal, aqui destacado temos alguns conhecidos como: Ler corretamente palavras com “r, rr, ch, nh”, pergunta-se então: Ler corretamente para quem? Para o próprio aluno ou para o professor? Pergunta-se: alguém lê corretamente, ou lê ao seu modo ou como a Gramática propõe? Conclui-se que a criança é um ser em desenvolvimento e que a alfabetização deve ser um caminho de descobertas que auxilie no seu desenvolvimento. (Tfouni,1995,p.9)

O autor também discute as concepções de alfabetização:

Há duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes. O mal-entendido que parece estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que chega a um fim, e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais. Como processo que é parece-me antes que o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude (TFOUNI, 1995, p. 9).

Sob à luz de teóricos que falam de alfabetização, vimos que cada um traça suas ideias sobre esse nível, sendo importante esses argumentos diferenciados, como Tfouni destaca sobre a incompletude da alfabetização, fazendo interrogações sobre a alfabetização em que se torna necessário saber se ler “corretamente” é ler para o professor ou o aluno. Essas indagações favorecem o fazer alfabetizador para uma prática mais emancipadora e questionadora.

2.3 É POSSÍVEL INCLUIR A FONÉTICA E A FONOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO?

Os conteúdos discutidos até aqui, traduzem a possibilidade da Fonética e da Fonologia na Alfabetização, pois se vê que tanto os conteúdos, como a sua relevância são favoráveis para o crescimento cognitivo dos alfabetizandos. Faz-se necessário que essas discussões cheguem até às escolas, nas turmas de alfabetização e possam contribuir com a prática do professor no ensino da leitura e da escrita. Essa contribuição favorece o professor na sua construção/formação. Para que essa prática se construa, não precisa somente que o professor receba a formação continuada, é necessário também que as propostas curriculares que compreendem o currículo da

alfabetização hoje, sejam aplicadas no primeiro ano da Educação Básica, envolvendo a dimensão desses saberes linguísticos.

Comentando essas ideias acima demonstradas, Klein (2006, p.3) traduz essa realidade a partir do momento em que questiona “Professor que alfabetiza é um professor que ensina uma língua. Como pode-se ensinar uma língua sem conhecer sua estrutura e o seu funcionamento, bem como os mecanismos que permitem sua aquisição?” Dessa maneira entende-se a necessidade de o professor construir suas competências em relação à construção da língua escrita e falada a partir de suas formações, e as propostas curriculares que são construídas pelos docentes, coordenadores e gestores. Assim:

Nesse processo, que envolve a formulação de hipóteses sobre a escrita, reflexões sobre a relação entre fala e escrita e o uso da consciência fonológica, é necessário que o educador saiba conduzir seus alunos por um caminho sistematizado, visto que a aprendizagem da leitura e da escrita não são processos naturais. Trata-se de um processo sistematizado de codificação e decodificação, para passar a níveis mais elaborados de leitura e escrita (ROSMERES, 2015, p. 100).

Essas discussões são necessárias para entendermos sobre a inclusão da Fonética e da Fonologia na alfabetização. Primeiro entender que incluir a Fonética e Fonologia na sala de aula não é passar para os alunos conteúdo sem intenções de aprendizagem, mas, construir uma proposta curricular, em que os conhecimentos sobre a Linguística sejam necessários para aprendizagem do aluno, e segundo, que esses conhecimentos sejam selecionados e praticados durante as aulas para que os alunos assimilem e percebam esses conhecimentos.

Os professores que atuarão em sala de aula da alfabetização devem, através de sua formação, irem pensando sobre função, sentido e importância da Fonética e da Fonologia para a linguagem, leitura e escrita do aluno, o que é referenciado na citação de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2005):

É preciso que certas áreas como a Fonética e a Fonologia, que ocupam as grades curriculares de vários cursos de graduação, tenham, além do seu valor científico para pesquisas na área da Linguística, uma função no mundo concreto daqueles que estarão em ambientes escolares. Primeiramente, é preciso que o futuro professor encontre um sentido para aprender tais conceitos e que, em um segundo momento, seja capaz de tirar o insumo dessas disciplinas a ponto de que seu conhecimento ampliado possa ser útil na profissão. (SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLÇÃO, 2005, p. 164)

Considerando a citação, é importante que o profissional de educação encontre sentido e utilidade na aprendizagem dos conceitos sobre Fonética e Fonologia. A ampliação dessa importância é observada também em Abaurre As universidades devem atentar em seus currículos para a formação do professor nas áreas de Linguística. Há de se aceitar que esses currículos estão dicotomizados por área pelos conhecimentos e poucas áreas de educação trabalham com a Fonética e a Fonologia, ficando em foco as teorias que trabalham com a construção da escrita, mostrando como a criança passa pelos processos de aprendizagem, como ela aprende, quais são as etapas da aprendizagem. Isso é muito importante, mas não passa pelo prisma da ação do sujeito na construção da sua aprendizagem na formação e construção da língua, mas sim da linguagem, da mediação do professor na aprendizagem como vemos em Vygotsky. Termina que o professor pode entender e aplicar nas suas aulas conceitos e práticas da teoria de Piaget, de Emília Ferreiro, de Vygotsky e utilizar uma metodologia tradicional em que o aluno tem que, forçosamente, aprender a ler sem perceber o que está, e como está aprendendo.

Os cursos de formação continuada devem também aplicar o que, de fato, deve ser trabalhado na construção da leitura e da escrita, encontrando também a “função no mundo concreto” como destacado pelas autoras que termina sendo aquilo que também tem sentido de ser aprendido. Acrescentando aqui que ao incluir a Fonética e a Fonologia na Alfabetização, contribui-se através dessa inclusão para uma educação mais emancipadora libertadora no âmbito da leitura, escrita, linguagem e fala. Não esquecendo que esses alunos serão a base de uma escola, de uma sociedade e serão a própria escola, quando nela adentrar como profissionais ou pais de alunos.

Ao se pensar na possibilidade da inclusão da Fonética e da Fonologia nas turmas de alfabetização, tratamos da postura pedagógica dos alfabetizadores em resistir em alfabetizar com novos modelos, pois pensam que não pode dar certo, até porque parecem estar moldados na concepção tradicional. Pensando assim, torna-se útil o pensamento de alguns teóricos que discutem sobre a educação tradicional e a importância da Fonética e da Fonologia na alfabetização, como Seara, Nunes Lazzarotto-Volcão (2015, p. 165), quando se referem ao professor e às disciplinas da Fonética e Fonologia:

[...] argumentam que as áreas da fonética e da fonologia estão diretamente envolvidas com o processo de alfabetização e letramento, e que para aumentar o nível de letramento de uma comunidade é preciso olhar para os elementos que influenciam o desempenho dos alunos.

Se em Cagliari é explicado abaixo que “o melhor método para um professor deve vir de sua experiência”, essa experiência deve ser construída livremente amparada em diversos conhecimentos sobre a sua área, como afirmado:

O melhor método para um professor deve vir de sua experiência e deve ser baseado em conhecimentos sólidos e profundos da matéria que leciona. O fato de não ter um método preestabelecido não significa que o ensino seguirá navegando à deriva [...] quando um professor é bem conhecedor da matéria que leciona, ele tem um jeito particular de ensinar [...] e isso é fundamental para o processo educativo. (CAGLIARI, 1998, p. 108)

Saviani (1991) aponta ainda que o método tradicional continua sendo aplicado pelas escolas. Concordando com as considerações dos teóricos citados e lembrando do alfabetizador, o Paulo Freire, vê-se que além do método tradicional, existem outras possibilidades de se alfabetizar.

3 MODELO TEÓRICO NA ALFABETIZAÇÃO

Definir o que seja o modelo teórico na alfabetização é algo que nos remete a uma teoria que subjaz, sustenta e fundamenta a própria prática contribuindo para o significado das intenções do que foi objetivado pelo professor para o processo de ensino e aprendizagem. É importante que o professor conheça as variadas teorias que norteiam a alfabetização e quais são as implicações dessas para essa modalidade, e possa escolher aquela adequada que esteja em consonância não somente com o ensino e conteúdos aplicados, mas que quando consoante a esses favoreça a aprendizagem do aluno.

Assim, o(os) modelo(os) teórico(s) amparado(os) em estudos de métodos ou teorias subsidiam a construção de conceitos e compreensões para as aulas. Conceitos e compreensões, por exemplo, de conteúdos que podem ser explicados à luz da área da Linguística, especificamente a Fonética e Fonologia com alunos da alfabetização ou até mesmo em outra turma da Educação Básica. Em Cagliari: Os processos de alfabetização (MORTATTI, 1999), sobretudo aqueles baseados em manuais, como as cartilhas e métodos semelhantes, sempre tiveram grande atenção voltada para a ortografia (CAGLIARI, 1998a, p. 79- 102).

A citação abaixo traz uma dessas compreensões acerca da natureza do sistema de representação da escrita como conhecimento, significando dizer que ao escrever existe a necessidade de se resolver e compreender a organização da escrita:

Ao concebermos a escrita como um código de transcrição que converte as unidades sonoras em unidades gráficas coloca-se em primeiro plano a discriminação perceptiva nas modalidades envolvidas (visual e auditiva). Mas se se concebe a aprendizagem da língua escrita como a compreensão do modo de construção de um sistema de representação, o problema se coloca em termos completamente diferentes. Embora se saiba falar adequadamente, e se façam todas as discriminações perceptivas aparentemente necessárias, isso não resolve o problema central: compreender a natureza desse sistema de representação. (DUARTE & ROSSI, 2008, p. 6).

Considerando a citação acima, percebemos a relação entre a escrita, os sons das letras, o que se lê e o que se ouve. Pelo que vemos nas ideias dos autores, é necessário perceber a importância das compreensões da natureza do sistema de escrita. Na verdade, eles enfocam o que é significativo nos estudos das letras e dos sons, mas é preciso conhecer o “sistema” da escrita em sua construção, sem colocar

em primeiro plano o visual e o auditivo. Isso mostra a complexidade na construção da leitura e da escrita.

Ampliando essas contribuições teóricas, embora a teoria criada por Emília Ferreiro não venha trabalhar diretamente com a Linguística, ao falar sobre a construção da leitura e da escrita, detalha em um momento de uma entrevista questões relacionadas a essa área:

Pergunta: O que é essa consciência fonológica?

Resposta: É a possibilidade de fazer voluntariamente certas operações com a oralidade que não são espontâneas. É possível dizer uma palavra, “lado”, por exemplo, e depois omitir o primeiro segmento fônico. “Ado” não significa nada. Isso pode ser um jogo divertido. A língua tem a propriedade de ser partida em unidades de distintos tipos até chegar às letras. Aí não posso dividir mais. Essa é uma habilidade humana. A divisão em sílabas se dá praticamente em todas as culturas. (FERREIRO, 2001)

Essa contribuição de despertar da consciência fonológica quando o aluno sabe alguns conhecimentos sobre a sua própria língua e já percebe que lê e escreve vai se construindo/constituindo para um caminho de autonomia cognitiva e intelectual.

Podemos ver outros pensamentos em torno da escrita e da leitura pautados nas descobertas da criança em relação à construção da linguagem escrita, como em Goodman (1980 FERREIRO & PALÁCIO, 1987, p.86) ao tratar dos princípios lingüísticos e relacionais que as crianças dominam quando constroem a escrita.

Os princípios lingüísticos desenvolvem-se à medida que a criança resolve o problema da forma como a linguagem escrita está elaborada para extrair significados na cultura. Nessas formas estão incluídas as regras ortográficas, grafofônicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas de linguagem escrita. Os princípios relacionais desenvolvem-se à medida em que a criança resolve o problema de como a linguagem escrita chega a ser significativa. Assim, passa a compreender como a linguagem escrita representa as ideias e os conceitos que as pessoas, os objetos no mundo real e a linguagem oral possuem em uma determinada cultura. (GOODMAM, 1980 apud FERREIRO & PALÁCIO, 1987, p. 86)

Desse modo, compreender a Fonética e a Fonologia no contexto da alfabetização pressupõe uma relação necessária de construção da escrita e da leitura que não se dá de forma mecânica para quem aprende e nem para quem ensina. A percepção do som da palavra e a articulação das palavras fazem parte da natureza humana e desde a infância continua se desenvolvendo até a fase adulta, e na escola é preciso que o professor perceba cada vez mais e desperte o aluno para esse

movimento do aprender. Por isso Mello (2007) reforça essa importância do papel do professor no processo de alfabetização e afirma que:

[...] a principal e mais 'perigosa' interpretação acerca da teoria em questão, tem sido, de acordo com alguns estudiosos, a de que a escola e o professor podem acreditar que não devam interferir no processo de apropriação da língua escrita pela criança, porque essa se alfabetiza sozinha, uma vez que se encontra no centro do processo de aprendizagem (MELLO, 2007, p. 113).

Ferreiro afirma ainda que “o papel da escola não deveria ser o de dar inicialmente todas as chaves secretas do sistema alfabético, mas o de criar condições para que a criança as descubra por si mesma.” (FERREIRO, 1986, p. 60). Ao criar condições, é necessário que o professor tenha competência para alfabetizar, que conheça os métodos, teorias e escolha o que pode ser eficaz no sentido de um melhor resultado.

Ampliando esses entendimentos sobre a Fonética e a Fonologia como aspectos linguísticos da leitura e da escrita, vê-se que a questão da alfabetização não é apenas a construção da leitura para ler simplesmente uma palavra, mas entender a estrutura, formação, os aspectos fonéticos e fonológicos, criando-se condições para que a criança aprenda, pratique, descubra mais conhecimentos sobre essa aprendizagem.

A teoria de Emília Ferreiro (Teoria Construtivista) tem suas bases assentadas nas hipóteses da leitura e da escrita no processo da alfabetização. O professor ao perceber essas hipóteses pode trabalhar conhecimentos/conteúdo da Fonética e Fonologia. Sua prática dessa maneira já emerge para um caminho diferenciado de uma alfabetização mais renovadora. Haja vista que quando o aluno lê e já começa a compreender a relação entre letra, sílaba, som e palavra como na fase silábico-alfabética, o professor já pode ampliar o modo de trabalhar a leitura e escrita.

Ao salientar sobre bases teóricas de Cagliari e Ferreiro, como possibilidades da inclusão da Fonética e da Fonologia nas classes de alfabetização, vê-se que muito se tem para pesquisar e trazer para as salas de aula esses conhecimentos tão necessários. Embora exista uma diversidade de modelos teóricos que embasam a alfabetização, não significa dizer que somente um poderá ser trabalhado, nem que o professor tenha que aplicar todos.

Isso significa enxergar além como uma necessidade de um pensamento crítico voltado para essa relação entre a linguística e a alfabetização. Mas para isso, é preciso que o professor conheça e pratique a palavra em sua construção/constituição a partir da alfabetização, ampliando a aprendizagem da leitura e da escrita.

É necessário que as Políticas Públicas que giram em torno dos estudos da alfabetização atentem para a necessidade da formação dos professores na área de Linguística e especificamente em Fonética e Fonologia. Ressaltando os cursos de graduação seja em Pedagogia ou em Letras, para que quando os professores encontrarem os currículos já programados com teorias e conteúdo a serem seguidos não apliquem os métodos definidos e possam defender criticamente a importância da relação da Fonética e Fonologia nessas classes.

Dessa forma, os modelos teóricos têm suas implicações no processo de alfabetização, sendo necessário conhecê-los e estudá-los sempre, para que seja fortalecida a trajetória da política da alfabetização no contexto pedagógico da aprendizagem.

3.1 METODOLOGIA

Neste trabalho, buscou-se pesquisar em livros, revistas, entrevistas, artigos, visando ampliar e compreender o que foi proposto para o estudo. Utilizou-se a observação como instrumento da pesquisa nas quatro classes de observação com quatro professores. No caso do método da pesquisa qualitativa, previu-se o contato com professores na busca da percepção dos mesmos sobre a alfabetização. Assim, esses dois métodos são referenciados a seguir:

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes. (BOCCATO, 2006, p. 266).

Enquanto que:

A pesquisa qualitativa busca entender fenômenos humanos, buscando deles obter uma visão detalhada e complexa por meio de uma análise científica do pesquisador. Esse tipo de pesquisa se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais. Mas sendo uma análise relacionada também à subjetividade [...]. (KNECHTEL, 2014, p.1)

Dessa maneira foram seguidos os seguintes passos no desenvolvimento do trabalho: localização das escolas a serem observadas, contato com os gestores das escolas com entrega da carta para assinatura do Termo de Consentimento, enviado

pela Unilab – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, encontro com diretores e professores de cada escola para organização do cronograma de encontros na escola e apresentação do objetivo da presença da aluna no recinto escolar.

As escolas visitadas foram Elpídio Paranhos e Prado Valadares localizadas no município de Santo Amaro, que oferecem o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano da Educação Básica. A técnica de pesquisa utilizada, a observação, pretendeu analisar as atividades didáticas como os exercícios aplicados pelos professores para as turmas do 1º ano/alfabetização, visando perceber se essas atividades davam indícios se os professores trabalhavam a fonética e a fonologia. A observação proporcionou também o acompanhamento da prática pedagógica do professor nas aulas sobre os métodos e metodologia aplicados.

Ficou acordado com os professores que algumas atividades didáticas, como exercícios, seriam fornecidas após a observação para que fossem analisadas. A observação foi sistematizada através de duas aulas em cada escola. Esses momentos visaram o alcance dos objetivos propostos como: observar a prática pedagógica, perceber questões relacionadas à Linguística, analisar as atividades didáticas e suas possíveis relações com a fonética e a fonologia.

As diretoras das instituições (Escola Elpídio Paranhos e Prado Valadares) mostraram-se entusiasmadas pela proposta da pesquisa afirmando ser o primeiro trabalho dessa natureza realizado nessas escolas, solicitando que os alunos da Unilab estivessem sempre presentes quando possível, acreditando ser um ponto de partida para efetivação da qualidade da educação e especificamente da alfabetização.

Esse entusiasmo frente à proposta de pesquisa amplia as possibilidades de um trabalho futuro, fundamentado nos conhecimentos da Linguística, em que os conhecimentos trabalhados na escrita e leitura partam dessa perspectiva através das aulas criativas, com focos nas atividades didáticas, escritas e orais, objetivando relevância empírica com base na ampliação dos saberes da alfabetização, avaliando continuamente os resultados da aprendizagem do aluno.

3.2 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DIDÁTICAS APLICADAS AOS ALUNOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES

As atividades didáticas são instrumentos que permitem ao professor avaliar e acompanhar os alunos através do conhecimento. Muitas dessas atividades são construídas pelos professores ou reproduzidas através de livros. Nas duas escolas observadas, Prado Valadares e Elpídio Paranhos, as professoras fazem esse mesmo trajeto pedagógico, quando não utilizam livros didáticos dos próprios alunos para leitura, produzem essas atividades e xerocopiam.

Para aplicação das atividades nas duas escolas os alunos sentavam nas cadeiras, dispostas em filas e recebiam os exercícios para responderem o que era solicitado. A professora mediava essas atividades através da leitura e da escrita.

Assim, serão descritas e analisadas duas dessas atividades aplicadas na Escola Elpídio Paranhos e na Escola Prado Valadares.

A atividade (1), coletada na escola Elpídio Paranhos, foi adaptada de um livro; a atividade (2), aplicada na escola Prado Valadares, foi xerocopiada e reorganizada de um livro didático/álbum didático de jogos de alfabetização produzido pelo MEC no ano de 2009. A partir desses exercícios, pretendeu-se analisar se os professores trabalham a fonética e fonologia nas classes de alfabetização.

Na atividade (1), ilustrada abaixo, a professora adaptou um texto em que era solicitado aos alunos que pronunciassem as palavras e percebessem as letras através do som e do movimento da língua. Ao solicitar que o aluno percebesse quais eram os “pedacinhos”, a saber, as sílabas, da palavra que a língua segurava, ocorre o movimento da língua. A palavra contida no texto como **catatrão** (/ca/ /ta /trão) quando analisada em seus grafemas e fones temos: ca, a letra /cê/ diante de /a/ com som de [ka]. O [k] é oclusiva. Logo depois vem [t], que também é oclusiva e na sílaba “trão”, o [t] é oclusiva e o <r> como rótico produz uma vibração ao lado do ditongo nasal.

ESCOLA MUNICIPAL PRADO VALADARES

PROFESSORA: _____ DATA: ____/____/____

NOME: _____

ANO: _____ TURNO: _____

CONCEITO:

() NÃO SATISFATÓRIO () PARCIALMENTE SATISFATÓRIO () SATISFATÓRIO

ATIVIDADE DE LEITURA

Vamos, pronunciando as palavras do texto com a professora, percebendo quando a nossa língua segura nos pedacinhos das palavras, observe lentamente que pedacinhos são esses e repita algumas vezes. Vamos lá!



Em família

Na Escola das Nuvens não vai ninguém
– porque não existe Escola das Nuvens.

As nuvens aprendem tudo em casa.

Mamãe-nuvem ensina como se faz chuva.

Papai-nuvem ensina como se faz chuva.
DAQUELAS BEM FORTES.

Mamãe-nuvem faz assim:

Ca ta trá - Ca ta trá!

Papai-nuvem faz assim:

CA TA TRÃO! - CA TA TRÃO!

E o filhinho-nuvem faz assim:

ca ta trim -

- ca ta trim

e

cai

um

pinguinho

pequeninho

assim

que

faz

pim

pilim

pimpim!

O cata-vento e o ventilador, Luis Camargo.

Percebe-se que a professora busca um caminho mais renovado da alfabetização, não utiliza a soletração, nem segue um método tradicional, no entanto carece de um referencial teórico suficiente, de uma metodologia e um modelo teórico voltado para a fonética em que a professora perceba as letras, os sons, o movimento do aparelho fonador e outros conhecimentos necessários para a aprendizagem e construção desses instrumentos didáticos e condução na aprendizagem do aluno mais coerente com os princípios da linguística.

Por outro lado, vê-se que a professora, embora sem o conhecimento científico da Linguística, já precipita a importância da fonética na alfabetização, pois ao desenvolver a atividade tem a noção de que as diferenças das sílabas, letras e sons das palavras devem ser estudadas além da memorização.

No exercício (2), a professora da escola utiliza um recurso didático extraído de um Manual de jogos de alfabetização do Ministério da Educação. A atividade consiste em um jogo chamado “Trinca mágica” em que ganha quem conseguir formar uma trinca de carta contendo figuras de palavras que rimem.

<p>Repertório de palavras usadas no jogo:</p> <p>PASTEL - ANEL - PINCEL JANELA - PANELA - FIVELA PATO - RATO - GATO AVIÃO - LEÃO - MAMÃO CANETA - CHUPETA - BORBOLETA COLA - MOLA - BOLA FOGUEIRA - MAMADEIRA - CADEIRA PENTE - DENTE - PRESENTE.</p>	<p style="text-align: center;">Trinca Mágica (cartela do aluno)</p> <p>Meta do Jogo:</p> <p>Ganha quem formar uma trinca de cartas contendo figuras de palavras que rimam.</p> <p>Jogadores:</p> <p>4.</p> <p>Composição:</p> <p>- 24 cartas com figuras (8 trincas de cartas contendo figuras de palavras que rimam).</p> <p>Regras:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cada jogador recebe 3 cartas e o restante delas fica num “monte”, no centro da mesa, com a face voltada para baixo. - Decide-se quem irá começar a partida por meio de lançamento de dados ou “zerinho ou um”. - O primeiro jogador inicia pegando uma carta e descartando outra. - O jogador seguinte decide se pega a carta do monte ou a carta deixada pelo jogador anterior.
---	--

A professora vê o ato de alfabetizar por uma perspectiva além de alfabetizar tradicionalmente. Essa afirmação se dá, pois se percebe que a atividade didática trabalha um aspecto muito importante que é a rima e a sonorização das palavras, podendo o professor ampliá-la para outros objetivos linguísticos, fazendo mais recortes daquilo que percebe que o aluno necessita aprender, bem como o que o aluno demonstra como necessidade também de aprender.

Um aspecto notável é que a atividade possui uma característica lúdica ao trabalhar com os sons iguais, o que favorece a consciência fonológica. Percebe-se que a professora trabalha nesse contexto a oralidade mais do que a escrita, o que não descarta outras possibilidades de uso da escrita.

4 CONCLUSÃO

Chegar aqui, conhecendo, lendo, pesquisando, é muito satisfatório. Ampliar os conhecimentos sobre alfabetização é um benefício para a educação.

Diante da pergunta feita “(Até que ponto os professores de Alfabetização utilizam a Fonética e a Fonologia na construção da escrita e da leitura?)”, encontraram-se respostas apontando que dois profissionais utilizam atividades didáticas com exemplos sobre fonética, o que aproximou a resposta ao problema, e que essa tentativa dessa prática pedagógica deles apresenta-se como um compromisso com o que o aluno aprende e com o que eles transmitem enquanto conhecimento. Entretanto, os outros dois professores não se eximem das suas obrigações enquanto profissionais, apenas não apresentam as características que evidenciem as suas relações com o conhecimento pesquisado.

As observações permitiram perceber algumas contradições no exercício das atividades didáticas analisadas, durante as aulas, como o enunciado da questão que não condizia com o conhecimento da fonética em relação à pronúncia das letras. Além desse aspecto, das quatro professoras, duas não trabalham no contexto da aproximação da fonética. Isso equivale a dizer que esse resultado não é uma falha em suas práticas dos que se aproximam pouco ou dos que não demonstram aplicabilidade desses conhecimentos, mas uma lacuna na formação sobre as discussões que giram em torno do processo da alfabetização, lacuna essa que precisa ser preenchida no currículo, na proposta das políticas públicas para que os professores e alunos tenham acesso a conhecimentos dessa área.

A alfabetização está ligada à Fonética e a Fonologia e por isso tem que ser vista com mais atenção sendo aplicada como uma proposta Linguística de direito à leitura e escrita.

Um aspecto notável foi que os professores dão mais ênfase à leitura do que à escrita, fato que não pode ocorrer, pois uma modalidade precede a outra.

Não concluo esse trabalho, apenas aprendo e tenho, portanto, que passar adiante o que precisa ser ressignificado por mim e pelo outro. Sei que muitos olhares serão necessários para se repensar o que escrevi, o que sinto e percebo sobre a alfabetização, a fonética e a fonologia. É a partir deles que serão ressignificados e alimentados os resultados aqui percebidos, sendo eu influenciada e influenciando a alfabetização e consequentemente a educação.

Vejo na relevância desse estudo um passo para a interlocução entre a alfabetização e as séries iniciais da Educação Básica, como uma continuidade da leitura e da escrita, como um diálogo necessário, já que a alfabetização é um processo em que a leitura e escrita nunca se completam.

Compreende-se que o problema de uma pesquisa nos revela algo e muito mais, apontando novos estudos. É como se fosse uma verdade escondida em que o objeto de estudo, como a prática do professor, muito ensinou. Por essa razão a importância desse trabalho se dá também na troca da interação dos resultados, pois assim, tanto a escola quanto o aluno da universidade podem alavancar para novas transformações e mudanças.

Estaremos contribuindo com as crianças que terão outras aprendizagens e conhecimentos oportunos ao desenvolvimento cognitivo, sendo, por isso, necessário que os professores e a escola repensem as suas práticas a partir desses momentos, proporcionando aos alunos atividades de leitura e escrita, continuamente, ampliando o letramento, não fazendo dos métodos e teorias as ferramentas que vão definir a leitura e escrita dos alunos, e sim, como subsidiadores da construção do ato de ler e escrever.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Fonologia: a gramática dos sons. **Letras**, n. 5, p. 9-24, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11445/6919> Acesso em:25 abril. 2021.
- ALFABETIZAÇÃO: como ensinar a ler e a escrever com método fônico. Disponível em: <https://www.alfaebeto.org.br/2016/04/20/alfabetizacao-com-metodo-fonico/>. Acesso em: 24 abril.2021.
- ARAGÃO Maria do Socorro Silva. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. **Graphos**, João Pessoa, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/10907/6112>. Acesso em:25 abril.2021.
- ARANHA, Maria da Graça. **Construtivismo**: de Piaget a Emilia Ferreiro. São Paulo, Ática, 1995.
- BISOL, Leda (Org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. EdiPUCRS, 2005.
- BOECHARD, Gianni Marcela Ferreira. Dificuldades de aprendizagem da ortografiada língua portuguesa no Ensino Fundamental /CAPESh<https://scholar.google.com.br/scholar?q=related:4Pj7enZjWzMJ:scholar.google.com/&scioq=D>.Acesso em 26 abril:2021.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e ortografia. **Educar em Revista**, n. 20, p. 35-42, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2097/1749>. Acesso em: 29 mar. 2021.
- DUARTE, Karina; ROSSI, Karla. O processo de alfabetização da criança surda segundo Emília Ferreiro. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, n. 11, p. 1-7, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/aprocesso_alfab_ferreiro.pdf.
- ELOISA,Pilati, NAVES,Rozana Reigota VICENTE, Helena Guerra, SALLES,Heloisa **Educação linguística e ensino de gramática na educação básica**.V.4,N 2.2011.Programa de Pós Graduação em Letras.Disponível em:<https://periódicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15397>.Acesso em 25 abr:2021.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo, Cortez, 1993.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre, Editora Artmed, 1989.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. **Fonética, Fonologia e ortografia**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2009.

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. A Importância do Letramento na Alfabetização. Ensaio Pedagógico. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia**, p.1-11, jul. 2012. Disponível: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n3/6%20ARTIGO%20LUANA.pdf>. Acesso em 24 abr.2021.

MESQUIDA, Peri; PEROZA, Juliano; AKKARI, Abdeljalil. A contribuição de Paulo Freire à educação na África: uma proposta de descolonização da escola. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 126, p. 95-110, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em:27 de marc.2021.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. **História da educação**, v. 3, n. 6, p. 69-77, 1999. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4891619>. Acesso em:12 de dez.2021.

OTTONELLI, Rosmere Adriana Vivian; ALEXIUS, Sofia Cristina. A Importância da Fonética e da Fonologia na Formação do Professor da Alfabetização e das Demais Fases Escolares. **Revista Pleiade**, v. 9, n. 18, p. 98-104, 2015. Disponível em: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/296>. Acesso em:24 abril.2021.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Edelbra Editora Ltda, 2012.

PIZZANI, Luciana, SILVA, Rosemary Cristina da BELLO, Suzelei Faria HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini A ARTE DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NA BUSCA DO CONHECIMENTO THE ART OF LITERATURE IN SEARCH OF KNOWLEDGE Downloads/1896-Texto%20do%20artigo-2549-1-10-20150409%20(2).pdf.Acesso: em 26 abril 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002008100008&script=sci_arttext. Acesso em:03 nov. 2020.

STUEP, Angelita Maria Gambeta; JUNG, B. K. **Didática e avaliação no processo de alfabetização e letramento**. Indaial, SC: Uniasselvi, 2012.